

Aquisição da inversão numa criança entre os dois e os três anos

Maria do Mar Adragão

Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (UNL)

Introdução

Neste trabalho, apresentam-se os resultados do levantamento de contextos de inversão em actos de fala espontânea de uma criança num corpus longitudinal (recolhido por M. J. Freitas). A listagem das produções foi feita tendo em conta os contextos de enunciação das produções do Pedro, com a intenção de testar o estatuto dos sujeitos de acordo com a sua função discursiva, testando a sua natureza como foco ou tópico.

Os dados vão ser confrontados com diferentes análises, no sentido de apresentar e questionar hipóteses sobre aquisição e sobre a gramática do adulto.

O corpus

O corpus é composto pelas transcrições da fala espontânea de uma criança entre os dois anos e sete meses e os três anos e sete meses, em gravações de quinze minutos por mês, com excepção do primeiro mês em que a selecção foi feita sobre meia hora de gravação.

Na selecção das entradas, foi feito o levantamento de todas as produções com sujeito expresso e de todas as respostas a perguntas do adulto, num total de 1060, com a intenção de testar o estatuto dos sujeitos como focos ou tópicos, tendo em conta o contexto de produção dos mesmos.

Um primeiro problema que se pôs no levantamento das entradas advém do facto de, nas crianças, tal como nos adultos, a resposta típica não envolver frases completas. Neste sentido, há uma preferência notória por enunciados sem o material sintáctico completo. Na verdade, como seria de esperar, estamos perante um caso em que tanto a criança como o adulto dão respostas maioritariamente do tipo – *(Q X) ser foco(a) ou ser foco que X (b)*¹.

- 1 a) *Gosto muito dessa lua! Quem foi que ta recortou?*
Foi o Pedro (sVIII).
- b) *Fui eu que parti (sIV).*

¹ Cf. Mira Mateus, M.H. et al, 1989; *Gramática da Língua Portuguesa*, pp. 235-236

Para além deste tipo de resposta, encontramos a braços com respostas de uma palavra só. São disso exemplo enunciações como estas:

2. a) *Que cor é isto?*

Amarelo (sI).

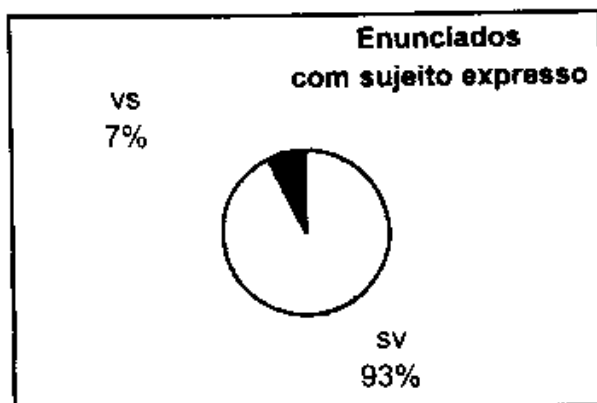
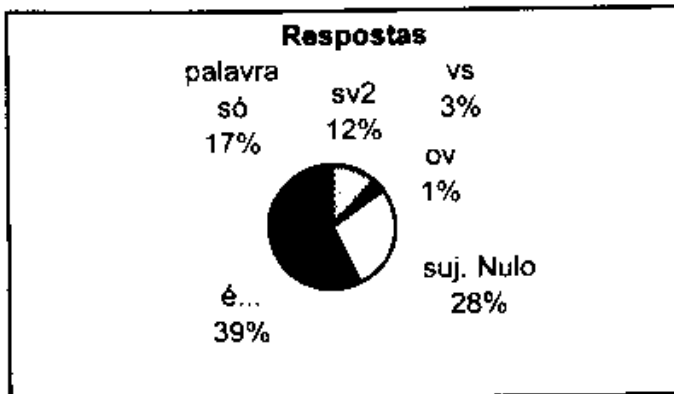
a') *O que é que tu queres que a mamã ponha no "biberon-fruta"?*

Banana (sVI).

Uma outra dificuldade teve que ver com a impossibilidade de, numa cassette audio, discernir o contexto situacional das produções da criança. Assim, só foram consideradas as eliciações em que não existiam dúvidas nem ambiguidades de compreensão. O mesmo esforço foi feito no levantamento de enunciados sem foco, sendo apenas considerados aqueles que são seguidos de imediata reacção do adulto no sentido de esclarecer a intenção comunicativa do Pedro.

Os resultados da contagem revelam o uso maioritário de sujeitos, quando expressos, em posição pré-verbal, independentemente do estatuto do sujeito como foco ou tópico. As únicas situações de inversão sujeito-verbo ocorrem na sua maioria em estruturas inacusativas: verbos inacusativos, predicativos e passivas.

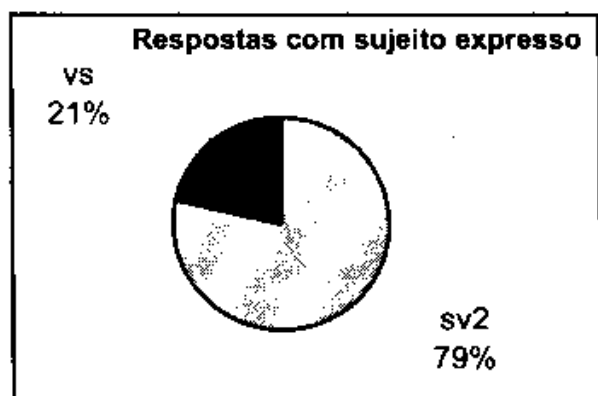
Os resultados totais, em termos de percentagens, são os seguintes:



- 93% das produções com sujeito expresso apresentam a ordem sujeito-verbo;

Restringindo os dados a contextos de pergunta e resposta, conclui-se que:

- 79% das produções com sujeito expresso em contexto de resposta apresentam a mesma ordem (sv2 nos gráficos);
- as produções com inversão SV dão-se, na sua larga maioria (79%), em estruturas inacusativas; contudo, em termos globais, a estrutura VS tem uma representação que não ultrapassa os 3%;
- 39% das respostas dadas são do tipo – (Q X) *ser foco* ou *ser foco que X*;



- 28% de produções têm sujeito nulo;
- 17% de respostas correspondem a uma palavra só.

Hipótese de *bootstrapping* prosódico

Estes dados podem ser confrontados com diferentes questões, no sentido de encontrar a sua relevância no entendimento da forma como as crianças adquirem a gramática, testando hipóteses sobre a gramática do adulto.

A onda sonora tem sinais acústicos úteis para deduzir aspectos da organização sintáctica da frase e as crianças são sensíveis a estes sinais. Isto conduziu à formulação de uma hipótese de iniciação prosódica (*prosodic bootstrapping*), segundo a qual a estrutura prosódica da língua permite que a criança descubra certos aspectos da estrutura sintáctica, uma vez que, na maior parte dos casos, entre a sintaxe e a prosódia existe uma relação biunívoca: a um constituinte sintáctico corresponde um constituinte prosódico.

A evidência para afirmar que as crianças são sensíveis a estes sinais advém de estudos realizados em crianças com quatro dias, que comprovam que estas já são capazes discernir sílabas de estímulos musicais. Também Hirsh-Pasek et al. (1987)² se dedicaram a investigação semelhante mas em crianças com idades mais avançadas. Crianças com idades compreendidas entre os sete e os dez meses, ao escutarem enunciados onde tinham sido inseridas artificialmente pausas de um segundo, tanto no interior, como na fronteira de frase, preferiram claramente a versão natural. O estudo permitiu ainda comprovar que, se crianças com seis meses não mostram qualquer sensibilidade aos traços prosódicos que separam por exemplo o sujeito do predicado, o mesmo não acontece com crianças de nove meses que, de forma sistemática, reagem positivamente a enunciados com fronteiras prosódicas naturais.

Assim, a sensibilidade a diferentes unidades linguísticas, à frase e aos sintagmas, parece desenvolver-se em idades diferentes, aos sete e nove meses respectivamente.

² Cf. Guasti, M.T., 1996, *Le problème de l'initialisation (« bootstrapping ») dans l'acquisition du langage*

Com base nestes dados, Guasti, Nespore e Christophe (1997) levantaram a hipótese de que a fixação dos parâmetros *head directionality* (HD), que determina a ordem linear dos núcleos e complementos numa dada língua, e *recursivity direction* (RD), que condiciona o lado para o qual a árvore se expande, é feita simultaneamente numa fase pré-lexical, explicando assim que logo nas primeiras produções não haja erros de ordem de palavras.

O facto de a criança aos quatro dias ser sensível ao padrão prosódico da sua língua e de, aos nove meses, ser capaz de reagir a enunciados com fronteiras prosódicas artificialmente criadas em posições erradas, não permite chegar à conclusão de que a criança já terá adquirido a prosódia mas apenas de que é sensível a ela. Uma hipótese baseada na percepção é portanto inconclusiva. No entanto, até que ponto essa sensibilidade por si só pode permitir marcar os parâmetros HD e RD?

Na verdade, o Pedro parece já ter feito a marcação correcta destes dois parâmetros, pois não realiza erros de ordem de palavras, salvo algumas excepções em número pouco relevante como veremos mais à frente.

Inversão ou não inversão...

Relacionando estes dados com a ordem de palavras em português, podemos fazer o levantamento de alguns problemas sugeridos pelo corpus.

Em português, a ordem de palavras é variável. Tendo em conta que a ordem não marcada é SVO, as outras são possíveis, mas não opcionais (Ambar 1992, 1998, Duarte 1987, 1996, Martins 1994, Costa 1996, 1997). Neste sentido, elas podem estar condicionadas por elementos prosódicos, num fenómeno de orientação para o discurso, por questões semânticas ou morfológicas.

No que diz respeito à interface sintaxe/prosódia, a inversão está associada a padrões entoacionais e a funções discursivas (Costa, 1998), sendo possível fazer a generalização de que o material focalizado ocupa a posição mais à direita, onde recai o acento nuclear de frase (Nespore e Voguel, 1986), conferindo ao foco a posição mais proeminente.

Os sujeitos ocupam portanto posições diferentes de acordo com a sua função discursiva, esperando-se que, quando focos, permaneçam na periferia direita da frase.

Portanto, seria de esperar que, se um mecanismo de *prosodic bootstrapping* fosse factor condicionante na aquisição da sintaxe, paralelamente à ordem correcta das palavras, em contexto não marcado, surgissem, desde o início, inversões resultantes da interacção da sintaxe com factores discursivos e prosódicos.

No corpus analisado, o sujeito ocupa, como já vimos e independentemente de ser tópico ou foco, a posição pré-verbal, apontando para a evidência de que não há, nesta fase da aquisição, a interface entre os dois níveis de análise

Assim, os resultados apontados pela análise do corpus, conduzem-nos noutro sentido, por não existirem situações de inversão sujeito-verbo, independentemente da natureza dos constituintes. Em situações onde, na gramática do adulto, existiriam estratégias e focalização, elas não ocorrem:

3. a) *Quem sujou?*
O Pedro sujou (sVI).
a') *Quem tem sandálias lá na tua escola.*
Eu tenho sandálias lá escola (sVIII).

Os contextos em que a inversão é feita ocorrem com estruturas inacusativas. Na verdade, a construção de enunciados com este tipo de estrutura é também para o adulto opcional:

4. *O que é que aconteceu?*
O João chegou.
Chegou o João.
O João chegou.

Portanto, não é de estranhar que a criança articule desde cedo esta opcionalidade, tanto em verbos inacusativos (5a), como em predicativos (5b) e em estruturas passivas (5c), como podemos verificar em produções como as seguintes:

5. a) Caiu o helicóptero (sII).
b) Está aqui outra aranha (sVII).
c) Foi estragado o elefante (sI).

Apesar de não existirem estratégias de focalização para foco informacional, o Pedro usa-as para foco contrastivo. Contudo, a natureza destes dois tipos de focos é diferente. Se, para justificar o primeiro, como foi visto, é necessária a presença de questões de interface sintaxe/prosódia, o segundo pode ser apenas marcado pela prosódia (Frota 1994), o que torna a sua presença irrelevante.

6. *Isto é para eu tirar?*
Não, é para tirar o João (sV).

O papel da pragmática

A aquisição tardia da pragmática (Grodzinsky e Reinhart, 1993) pode ser comprovada por situações de inadequação ao discurso, realizadas pelo Pedro, contextos em que, ou não há elementos informativos, caracterizados pela ausência de foco (7a), ou a resposta às perguntas que lhe são feitas parece apenas retomar alguns dos elementos da produção do adulto, não respondendo no entanto àquilo que lhe é perguntado (7b).

7. a) João não faz assim. (sV)
 a') Eu quero ver. (sVIII)
 a'') O João põe. (sVIII)
- b) *O que é que a gente viu na praia?*
 Eu fui à praia. (sVIII)
 b') *Porque é que eles se estão a meter dentro de água?*
 Eles vão pôr barbatanas. (sXI)

A evidência para afirmar que a aquisição da sintaxe depende de um *bootstrapping* prosódico e que algumas inversões são condicionados por factores discursivos, se confrontada com o facto de que a pragmática é adquirida tardiamente, poderia apontar para a existência de inversões produzidas correctamente mas em contexto inadequado, o que não acontece nas produções do Pedro. O facto de não existirem inversões de forma relevante não permite testar estes dados e chegar a hipóteses conclusivas.

Como excepção, surgem nos primeiros três meses ordens de palavras erradas, sempre num mesmo contexto, se bem que umas vezes dentro do NP e outras como predicativos do sujeito, na atribuição de cores a objectos:

Azul é flor (sI).
 É o cor-de-laranja balão (sI).

Problemas

Perante os resultados, fica por esclarecer o problema da natureza de tópico e foco.

Se assumirmos uma análise em que tópico e foco têm comportamentos semelhantes, então, o facto de não existirem estratégias de focalização conduziria à conclusão de que também não encontraríamos estratégias de topicalização, o que não acontece, parecendo apontar para que as suas estruturas sejam completamente distintas, uma vez que a sua aquisição não é simultânea.

Por outro lado, a topicalização parece ser um processo sintáctico muito mais simples, envolvendo apenas adjunção, sem o estabelecimento de cadeias, o que facilitaria o processo de aquisição desta estrutura.

A evidência para corroborar este facto advém da presença de enunciados com topicalizações, não apenas em movimentos \bar{A} para especificador de CP, mas também em movimento A, em passivas que, para além de serem um processo sintáctico, são também uma estratégia de topicalização.

Onde está a minha cabeça?
 A tua cabeça, não sei (sIX).

O que é que aconteceu ao peixinho?
 O peixinho foi comido (sXI).

No que diz respeito à ausência de inversões condicionadas por funções discursivas, encontramos-nos perante um de dois caminhos:

- ou a aquisição da sintaxe se faz autonomamente e é independente de outros módulos, emergindo assim apenas ordens não marcadas numa primeira fase, o que aponta para uma interface tardia;
- ou, sem refutar a hipótese de *bootstrapping* prosódico e assumindo que esta sensibilidade evolui gradualmente, os elementos necessários para que se dê a iniciação prosódica podem já estar adquiridos e os que condicionam a inversão não.

Conclusão

A análise apresentada é somente um dos caminhos possíveis de seguir relativamente aos objectivos propostos. Na verdade, um trabalho como este não pretende ser fechado, mas sim relacionar várias propostas e discutir as diversas questões que com ele se relacionam.

As limitações de um corpus longitudinal de apenas uma criança não permite chegar a grandes conclusões mas apenas levantar hipóteses no sentido de apontar pistas para uma investigação futura.

Bibliografia de referência

- Ambar, M., 1992; *Para uma sintaxe de inversão sujeito-verbo em português*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- , 1998; *Aspects of the syntax of focus in European Portuguese*, ms, Universidade de Lisboa.
- Carrilho, E., 1994; A topicalização e construção do objecto nulo no desenvolvimento sintáctico do português europeu, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- Costa, J., 1997; «Word Order and Constraint Interaction», in *Seminários de Linguística*, Faro, Universidade do Algarve.
- , 1998; *Word Order Variation. A constraint-based approach*, dissertação de doutoramento, HIL/Universidade de Leidan.
- , 2001; *Gramática, conflitos e violações. Introdução à Teoria da Optimidade*, Lisboa, Caminho.
- Duarte, I., 1987; *A construção de topicalização na gramática do português*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- , 1996, «A topicalização no português europeu: uma análise comparativa», in I. Duarte e I. Leiria (eds.), *Actas do congresso internacional sobre o Português*, Lisboa, APL/Colibri.
- Frota, S., 1994; «Is focus a phonological category in Portuguese?», in P. Ackema and M. Schoorlemmer (eds.), *Proceedings of ConSOLE I*. HAG.
- Grodzinsky, Y. e T. Reinhart, 1993; *The innateness of Binding and Coreference*, *Linguistic Inquiry*, 24:1, 69-102.
- Guasti, M.T., 1996; «Le problème de l'initialisation («bootstrapping») dans l'acquisition du langage».

- Gusti M.T., M. Nespó e A. Christophe, 1997; «Selecting word order: the rhythmic activation principle».
- Martins, A. M., 1994; *Os clíticos na história do português*, dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Mateus, M.H. et al., 1989; *Gramática da Língua Portuguesa*, Lisboa, Caminho.
- Nespó M. e I. Vogel, 1986; *Prosodic Phonology*, Foris, Dordrecht.